179 Ovar, 31 de Outubro de 1909 Anno IV

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

AINDA A REACÇÃO E OS GOVERNOS

Vão-se os dogmas, e talvez mais depressa do que seja conveniente.

Já não influem no espirito das classes, que mais o cultivam, e nas menos cultas, um grande numero d'entre os operarios das cidades não se deixa arrebanhar nos circulos ou associações catholicas, isto é, fundadas pelos reaccionarios—ficam no campo da fé tradiccional aquelles que se interessam em conserval-a, ou em seguil-a, o povo mais rude, e nas altas classes os politicos, que fazem da religião um instrumento, e os que são incapazes d'aprecial-a com muitas damas, que beijam o annel aos bispos, e em Lisboa, na ausencia do prelado, dizem =*O senhor patriarcha*=

A estupidez é o lastro da humanidade, e um nosso contemporaneo, que me abstenho de nomear, veria n'ella um *elemento statico*, conservador, que obsta ao progresso, o estorva, ou demora.

E' um travão—quem sabe se util—do movimento social transformador — eis a base da reacção, não lh'a invejo...

Contemporisam todos os governos com o clero orgulhoso, e que sempre os affronta.

O que ata as suas mãos é o receio de que a ordem moral venha a soffrer, se as massas não attenderem aos seus directores espirituaes, ou que estes percam a sua influencia.

Ora o terror do sobrenatural podia ser ainda uma garantia da moralidade, se o crente não confiasse de mais na mão do padre, cuja benção, com altos effeitos mysticos, o allivia annualmente das mesmas culpas e até das maiores.

Do pulpito da egreja d'O. ouvi eu dizer a um jesuita «a um peccador carregado de todos os crimes, os mais horriveis, uma simples cousa, a benção do sacerdote, no tribunal da penitencia, o fará entrar nos ceos tão puro como os anjos».

O crente commetterá todos os excessos confiado na mão remissora do padre.

Se os não commette, é porque á sua consciencia natural repugnam e não porque tema os castigos eternos.

Confiem pois os governos na consciencia humana—eduquem—e não se verguem á reacção catholica que só pensa em dominal-os.

Almeida Medeiros.

O Bispo de Beja

—•—

A reacção em Hespanha obteve o fuzilamento de Ferrer, em Portugal a demissão do ministro da justiça — .

O sr. Wenceslau de Lima, que até agora mantinha uma attitude cheia de hombridade, como convem á sua posição, verga-se aos reaccionarios, ao nuncio, ao patriarcha, e humilha no seu collega o Estado, a Lei, e o governo, de quem é o chefe.

Se eu fosse o ministro da justiça ordenaria aos irmãos Ançans que continuassem a exercer os seus logares em vez d'officiar ao bispo que os readmitisse, o que d'algum modo era reconhecer-lhe o direito a tel-os demittido.

A portaria de 1907 que autorisa o bispo a remodelar o ensino do seminario e o quadro administrativo, não abrange a demissão dos professores já nomeados,

E' uma extensão arbitraria, e muito inepta d'aquella portaria.

Se os reverendos Ançans interposeram o *recurso á corôa*, não pode o governo demit til-os, como se diz que pretende, sem a decisão do processo, e sem ouvil-os.

O accordo, que os jornaes annunciam, entre o bispo e o governo, não tem validade alguma, se rá nullo tudo quanto se fizer antes de serem ouvidos os que o bispo offendeu nos seus direitos.

Uma portaria não derroga, como a de 907 não derrogou a lei de 1845.

Se o bispo mal a interpretou é muito para extranhar que alguns jornaes defendam o bispo, e accusem o ministro da Justiça, porque o igualam na mesma ignorancia, ou na malicia em sophismal-a.

O sr. Medeiros não *simulou* um conflicto, porque este subsiste no facto, que é motivo da questão entre o bispo e o ministro.

Se o conselho de ministros approvou o 1.º officio do sr. Medeiros, claro esiá que devia approvar o que era a natural consequencia d'esse acto, isto é, a replica do ministro, a qual não excede a alçada do seu ministerio.

Desapproval-a foi uma contradicção inexplicavel, que merece a maior censura.

O ministro não quiz attender nem ouvir as rasões, com que o bispo pretendia abonar o seu procedimento, não tinha que ouvir depois da atrevida e orgulhosa reposta. «Os padres Ançans não são nem serão readmittidos nos logares. que anteriormente serviam».

Pois os Ançans serão readmittidos, mais cedo ou mais tarde.

Almeida Medeiros

Questão da cêra... que pode queimar a egreja

O articulista do «Regenerador Liberal», vem agora mostrar que sabe latim e francez.

Muito bem. La que seja latinista concebe-se porque, sillabada aqui, sillabada acolá, tem de mastigar o seu latim para uso proprio.

Latinista, perfeitamente.

Não attingimos, porém, os motivos que o obrigam a ser francez ..

Sim, nós não attingimos... cá por coisas.

Servir-se a Deus e ao diabo ao mesmo tempo, não pode ser, lá o diz o velho dictado.

Ora o articulista quer, na questão sallesiana, jogar com um pau de dois bicos, mostrando-se umas vezes pudibundo e casto como umas certas flores que as inclinam sobre os regatos, e outros aggressivo, odiento e intriguista como qualquer esbirro de má morte.

Vamos, snr. articulista! E' bico ou cabeça?

V. S.ª diz que não é um calumniador, mas confessa que *o mais que podia* era *aproveitar-se d'um boato falso*... para vender o seu peixe, está claro.

Logo calumnía.

Calumniar não é apenas injuriar directamente, lançando para isso mão da má fé, do odio, da intriga, ou até do proprio vicio, porque por vicio tambem ha, infelizmente, quem calumníe.

O fazer-se côro com aquelles que lançam a calumnia covarde e traiçoeiramente para publico, com o unico fim de alvejár pessoas a quem se pretende ferir pelas costas, na impossibilidade de as atacar de frente, tambem é calumniar.

Ora o sr. articulista insistindo no *boato* em questão, e da forma por que o faz, o que valle o mesmo que dar-lhe credito, insiste na calumnia. E', portanto um calumniador e um calumniador reincidente.

Resta apenas saber se calumnia por má fé, por odio, por intriga, ou por vicio.

Tenha paciencia o sr. articulista, que d'aqui não ha de fugir.

Quem está convencido da honestidade de outrem é o primeiro a verberar o procedimento de quem ousa levantar uma suspeita ou faz espalhar um boato que, muito embora seja inteiramente posto de parte pelas pessoas de bom senso, tenta ferir reputações e menosprezar caracteres.

Ora provado está que o articulista não só não tem procedido d'essa forma como, pelo contrario, se tem esforçado por fazer prevalecer um *boato* cuja procedencia muito bem conhece... e cuja falsidade muitissimo bem reconhece.

Logo é um calumniador confesso e convicto.

Tenha paciencia o sr. articulista que d'aqui não ha fugir.

O sr. articulista bem sabe que a *questão da céra* foi uma *vingançasita* mesquinha e réles... e nós tambem sabemos que o mesmo sr. articulista não precisou sahir de casa para o saber. Emmissarios houve que lhe foram levar a *nova* e mais alguma coisa...

Emmissarios e *emissarios*, pois não foi assim?

Co'a bréca! Nós sabemos de tudo!

A nossa policia sem fazer o minimo barulho, é capaz de descobrir *o diabo e a cêsta*.

A's vezes era até bem melhor que não soubessemos de *tanta coisa*... para cortarmos mais a direito, sem considerações nem attenções que ainda guardamos com certas pessoas.

A' bon entendeur...

Lá foi tambem um boccado de francez, mas juramos aos santos Evangelhos que somos portuguezes de lei e vareiros dos quatro costados. Não consentimos aqui *pégadas de mãos estranhas*, porquanto ainda não *se perdeu* pela nossa redacção o articulista do «Regenerador-Liberal».

E sobre a *questão da cêra* nada mais dirá o «Jornal d'Ovar», porque o bastante tem dito. Aquelles que foram directa e aleivosamente attingidos na sua honra pessoal, ajustarão contas e hão-de desmascarar os seus diffamadores.

* * *

De resto n'uma coisa estamos quasi de accordo com o snr. articulista do «Regenerador-Liberal».

Quasi.

Esse snr. já não se cansa a defender os sallesianos, reconhecendo por isso, embora implicitamente, que nos assiste toda a razão na lucta que vimos travando com a famigerada seita que **illegalmente** tem para ahi vivido, praticando toda a serie de abusos e de escandalos.

Faz bem o articulista.

Arrependeu-se, em parte, dos seus peccados, mas necessario é que de todos se arrependa.

Vel-o-hemos e depois diremos.

Nada mais por hoje, sendo certo que não perde com a demora.

O CULTO

IX

Restitua-se fé á sua pureza originaria.

As passagens do Novo Testamento, que os nossss artigos transcrevem, encerram os mais altos ideaes do christianismo—são terminantes —não admittem opiniões diversas.

Protestante deve reputar-se aquella theologia, que as põe do ado, ou não se repassa do seu espirito sublime: porque o seu empenho é defender os abusos, os interesses, e os poderes illegitimos do sacerdocio, Para os chefes do catholicismo a religião é um instrumento.

Baldos de fé sem sympathia pela doutrina amoravel do Evangelho, os theologos ensinaram, e os papas autorisaram e commetteram horrores durante 600 annos! e não foi espontaneamente que largaram das mãos as ultimas victimas.

Depois d'isto como querem impôrnos a sua auctoridade, e de mais a mais, infallivel?

Não pode ser.

E de que serve ella?

Nenhum interprete mediou entre J. C. e as turbas, que o ouviam, nem entre os apostolos, e aquellas, a quem andaram doutrinando. S. Paulo, por exemplo, é um expositor autorisado—e se nós não podemos aceitar directamente o Evangelho, nem as explicações e a autoridade de S. Paulo, como nos julgam capazes de acceitar os decretos e a auctoridade dos papas e dos concilios?

O que não foi necessario aos primeiros christãos, não é necessario aos ultimos.

Um decreto, que se impõe, e não convence, apenas obriga a uma adhesão externa, formal, sem merito, sem valor—e não produz a fé. mas a hypocrisia.

X

Ao revez de todo o evangelho foi-se incutindo aos simples, que certos actos externos eram indispensaveis para se *ganhar* o ceu, até que por fim se declararam obrigatorios. E emquanto á moral, que nos assemelha ao pae celleste, a verdadeira fonte de graça divina, veio tudo a limitar se aos frios conselhos annuaes do confessionario. E todos sabem, que a ocnstante absolvição dos mesmos vicios e dos mesmos crimes induz a renoval-os.

Estão essencialmente unidas no christianismo a religião e a moral. Separal-as é um erro funesto: os exterminios dos herejes, as crusadas, o santo officio, foi d'ahi, que vieram.

Olham os devotos com desfavor para muitos, que moralmente os excedem, mas que os não imitam nas suas devoções irracionaes=e como não hade ser assim se todos os dias a falsa idêa do culto externo lhes é alimentada no espirito por essas bullas a prometterem indulgencias, ou porque se volveram nos dedos as camandulas, ou porque se foi visitar os sanctuarios?

XI

Pode dizer-se—deixae os simples com as suas illusões—o clero presta grandes serviços—não ataqueis a fé tal como existe, receai perdel-a.

Não se ataca a fé, quando se exalta o evangelho. O clero ha-de subir na sua importancia moral e social—os simples attenderão mais á sua conducta, perdendo a sua confiança nos meios expiatorios.

O que devemos receiar é que pelas imposturas e abusos se prejudique o que é genuino, bom, e util.

Cremos que o evangelho satisfaz á consciencia de todos: mas para isso convém depural-o das crenças adventicias e parasitas que o abafam.

Não deixemos ir o ouro de mistura com as feses.

Nos effeitos mysticos do culto na intervenção do sacerdocio, na falsa idéa do sacrificio, vemos restaurado o paganismo.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

UM BEIJO

Senhora, que tem um beijo
Um simples beijo innocente?!
Pois fal-a córar de pejo
Unir os labios sómente?

E os beijos que são apenas,
Expressões d'um terno amor!
E fal-a morrer de penas
Colar os labios, Senhor!...

O beijo que é todo amor,
N'uma face que desmaia
Como o sol beijando a flôr
Como o mar beijando a praia,

E' um harpejo vibrante
d'uma lyra de desejos ..
Ai. que som tão delirante
Tem a musica dos beijos!

Não beija a lua os crystaes
Da neve nas serranias?
Não ha beijos matinaes
No alvôr de todos os dias?

Que são os beijos, que são?
Confissões de namorada
São numios do coração
Allivios d'alma, mais nada

E por dar um beijo córa
Um simples beijo innocente!
Pois dar um beijo, senhora
E' unir os labios somente.

Eugenio Ribeiro.

Cesar Borgia

Foi o segundo dos tres filhos do papa Alexandre VI e de Vanozzia, e nasceu em Roma, ou em Veneza segundo outros, em 1457. Seu pae, logo depois de eleito, nomeou-o bispo, e em seguida cardeal, em 20 de setembro de 1493. Teve grande talento e fascinada eloquencia, e estes predicados tornaram maior a sua perversidade e a sua ambição sem escrupulos. Nunca hesitou ante os maiores crimes, quando n'elles viu meio de engrandecer o seu poderio, e é tido como o principal instigador de seu pae na longa serie de extorsões e assassinatos que infamou esse pontificado.

Depois do homicidio do seu proprio irmão João Borgia, duque de Gandia, que praticou pelos motivos horriveis que são geralmente conhecidos, tomou posse de todos os seus bens, titulos e dignidades, despiu a purpura cardinalicea e fez-se militar.

Indo depois a França levar a Luiz XII as bulas de divorcio e de dispensa para novo casamento, que o mesmo soberano pedíra, obteve ahi o ducado de Valentinois, no Delphinado, e a mão de Carlota d'Albret, princeza de Navarra. Em 1499 praticou perfidias, traições e crueldades sem nnmero para collocar sob o dominio pontificio muitas cidades da Romania. Nomeado em 1501 duque por Alexandre VI, usurpou no mesmo anno o principado de Piombino, em 1502 todos os estados do do duque de Urbino, e tomando de assalto a cidade de Camerino mandou enforcar Giulio de Varano e seus filhos.

Tendo-se d'ahi formado contra elle uma liga de principes, mandou assassinar quatro, apoderou-se dos seus dominios, e estava a ponto de ser investido na soberania de Romania, da Marcha e da Umbria quando a morte de seu pae, snccedida a 17 de agosto de 1503, lhe poz termo ás prosperidades, dando-lhe comtudo occasião a roubar os thesouros do Vaticano.

Finalmente, depois de differentes aventuras mais e de successivas prisões, foi morto por uma lançada em 12 de março de 1507.

Foi tarde.

(Diario Illustrado)

NOTICIARIO

TEMPO

Não ha duvida de que o inverno já está comnosco.

Cá o temos feio, frio, fero e rude, com os seus dias chuvosos e montes de pura neve, que nos trespassa o corpo e ... a alma.

De vez em quando, mas n'um abrir e fechar d'olhos, ainda elle, o tempo, nos inspira uma suave recordação da linda quadra que *já lá vae...*

Ah, é verdade, temos á porta o *verão de S. Martinho*, se é que, ainda, não foi illiminado dos reportorios.

PESCA

Nada. O mar não permittiu trabalho.

CONSORCIO

No dia 21 do corrente, consorciou-se, na egreja matriz d'esta villa. o nosso amigo e administrador do nosso collega local «A Patria», o snr, Fernando Arthur Pereira, com a ex.ma snr.a D. Adelina d'Oliveira Mello, filha do snr. Antonio d'Oliveira Mello.

Desejamos-lhes um futuro de felicidades.

AGGRESSÃO

Na noute de sabbado para domingo passado, no logar de Cimo de Villa, d'esta freguezia, no final d'uma esfolhada, foram aggredi dos dois rapazes do Sobral, por um grupo de rapazes de Cimo de Villa, devido, diz-se, a rixas atrazadas.

Attenta a forma como contam que o caso se deu, parece não haver duvida de que aggressores e aggredidos andavam, picados, como vulgarmente se diz.

As auctoridades judiciaes tratem de elaborar o respectivo processo; e os aggradidos encontram-se ainda em estado melindroso.

—A «Patria», referindo-se ao caso, accusa o administrador do concelho de não ter evitado o conflicto, attestando que este funcionario tinha conhecimento de que elle se daria.

O collega não diz a verdade, affirmamol-o desassombradamente, pois d'isso estamos devidamente informados.

Se o administrador tivesse conhecimento *d'ante-mão*, como diz a «Patria», decerto teria providenciado de forma a evitar o mais pequeno incidente.

Conhecemos de sobejo o snr. dr. Valente para não lançarmos, nem consentirmos que se lance sobre elle a mais leve suspeita, seja sobre o que fôr.

AUDIENCIA GERAL

No dia 29 do corrente, responderam, em audiencia geral, no tribunal d'esta comarca, os réos, Camillo Teixeira, natural de Villa Cahiz, do concelho de Amarante e Arthur José Ferreira Rodrigues o «*cuca*», natural do Bomfim, da cidade do Porto, accusados pelo crime de furto, na egreja matriz d'esta villa, na noute de 24 para 25 de Janeiro do anno corrente.

O Jury deu o crime como não provado ao réo Arthur Rodrigues, dando como provada a tentativa de furto com valor inferior a 10$000 reis ao réo Camillo Teixeira, sendo-lhe dada por expiada a pena com a prisão já soffrida.

Carta da Regoa

—

Regoa 23

Ao iniciar a serie de cartas que, d'esta infortunada região, conto escrever para «O Jornal d'Ovar» só tenho em mira informar despretenciosamente os seus numerosos leitores, de tudo quanto se prende com a sua vida,—vida, esta, de fome e mizeria,—e prestar-lhes condignamente, qualquer noticia que daqui lhes possa ser util.

Antes, porem, receio, que os meus poucos recursos litterarios de que infelizmente me faço acompanhar me não permitam alargar minuciosamem em informes mais ou menos desenvolvidos e não satisfaçam, inteiramente, os desejos de todos, bem como, levar a cabo, o compromisso a que me submetti. Por isso espero a benevolencia do seu Redactor e respeitaveis leitores, aos quaes sendo de longe, offerecendo o meu limitado prestimo n'esta terra.

* * *

Quantos, no meu meio e na minha classe, eu tenho encontrado enveredados em assumptos politicos, unica e simplesmente, de preferencia a outros deveres mais uteis, como sejam, por exemplo: os interesses da sua terra e da sua patria:

Quantos, rabiscadores, ao emprehenderem o caminho jornalistico desdobaam, desde logo, a sua actividade e a sua polemica em prol de tantissimos e mesquinhos interesses, que só deturpam humilhantemente, tantos estados do mundo culto. Mau caminho o destes rabiscadores!... Acima de tudo, o nosso concurso, o nosso esforço e a nossa dedicação por tudo quanto posso interessar e engrandecer a nossa terra Natal.

E' isto o que eu entendo mais salutar e racional e é isto tambem, o que prometo cumprir de futuro.

—Estão, por assim dizer findas as vindimas da região do vinho licoroso e tambem começados os peores embaraços para os pobres vinicultores.

A producção, bastante inferior em qualidade e quantidade á do anno de 1908, não deixará de ter rasoavel acceitação no mercado, visto que o anno agricola não correu de todo mau para o vinho, havendo a lamentar, apenas, a chuva tardia, que veio prejudicar muitissimo em alguns pontos da região duriense.

Oxalá o lavrador o podesse vender com maior ou menor remuneração e não por preços vis, o que a maior das vezes tem succedido, sempre que a necessidade aperta e quantas vezes, mesmo assim, não ha quem o compre. E' por isso, pois, que os embaraços do lavrador começam desde que recolhe o vinho, não dormindo, não descançando um unico instante sem que encontre quem compre o producto do seu trabalho!...

E após a venda, fica como dantes, sem uma de X, mas, mais alegre, porque pagou o seu credito, ou seja, para poder abrir outra divida.

E' triste assim o viver, demais n'uma terra, em que outr'ora se encontrava o puro ouro que éra o assombro do mundo inteiro!... O licoroso vinho d'esta região, éra, por todos os motivos, disputado em todo o Imperio mundial, não havendo outro que rivalisasse em especialidade e preço. Mas, hoje, tudo desapareceu e já se não vê a grande vida que outr'ora éra vulgar no povo duriense. Tudo é triste!... Os proprios vinhedos, parecem tristes e as avesinhas tristes tambem nos seus devaneios outr'ora tão alegres!... E, assim, tudo tão triste, não mais voltara perdida alegria, que éra a nota soante desta tão fecunda região.

—Já se encontra entre nós, de regresso de Braga, onde foi tratar de assumptos que se realacionam com a sua casa commercial d'esta Villa, o nosso velho e querido amigo A. Aragão.

Nibil

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

SNR. REDACTOR

Tendo nós procurado em sua casa o ex.mo snr. João da Silva Ferreira acreditado commerciante da Praça d'Ovar, afim d'elle nos declarar se alguma irregularidade houve no fornecimento que fizemos da cêra para a festividade dos Passos, no corrente anno, de que o mesmo snr. Ferreira era thesoureiro, e apresentando-lhe nós uma declaração para elle firmar com seu nome e envial-a ao rev.º snr. Padre Francisco Pedrozo Lopes Vinga ex-juiz da referida irmandade para que este tambem assignasse, declaração aquella que apenas tinha por fim affastar de nós a menor suspeita, pelo mesmo snr. Ferreira nos foi devolvida a mesma declaração acompanhada da carta, que passamos a transcrever textualmente, com authorisação do seu signatario.

Amigo e snr. Pinho

Fui a casa do Juiz da Irmandade dos Passos, que funccionou de 1907 a 1909 para elle assignar a declaracão que junto lhe devolvo, e elle P.e Francisco Lopes vinga respondeu-me que não assignada por não ser necessario, pois que tinha assignado as contas e mandados muito expontaneamente; que o negocio da cêra estava liquidado ha muito tempo, e que como estava liquidado, nem mais uma palavra dizia sobre tal assumpto; que elle não authorisara pessoa alguma a trazer tal assumpto para publico e muito especialmente para os jornaes.

E nada mais me disse.

SIC 29 d'Outubro de 1909.

(a) João da Silva Ferreira.

•

Não fazendo commentarios de especie alguma a este documento cujo original temos em nosso poder, reservarmo-nos comtudo o direito de ulterior procedimento contra quem pretende ferir-nos traiçoeiramente na nossa reputação.

Agradecendo snr. redactor a publicação d'estas linhas.

Somos
De V.
Amg.º Cr.º Obr.º

Pinho & Irmãos

Snr. Redactor do «Jornal d'Ovar»

Desculpe-me este tratamento. Não é desconsideração ou desprimor. Os meus contendores depois de lhe chamarem *Senhoria*, nos numeros anteriores, no numero do seu jornal de 24 do corrente passaram a chamar-lhe *Excellencia—Desdobram-se.*

Sim, *desdobram-se*, porque Veiga dá *homem por si.*

Agora são tres irmãos unidos contra mim. Não se descontente com o tratamento que lhe dou, e descontente-se com o tratamento que elles lhe *compraram.*

Titulos comprados ou dados, sem serem inherentes a cargos, são deslustre e deshonra, segundo a minha opinião e a opinião de muita gente boa.

Veja *Vossa Senhoria* as gargalhadas satyricas e satanicas que apanham os inoffensivos *Conselheiros e Barões* por este mundo de Beltzebuth.

Acceite o tratamento que lhe dou, que é de toda a consideração e d'amigo grato. Desculpe-os do que lhe dão, porque não sabem o que dizem.

Eu tambem lhes dou o meu perdão, sem odio, sem malquerença, a estes irmãos judengos, por me chamarem «*jogador de chocarrices*»

Não sabem o que fazem!

O Veiga sabe lá o que são «chocarrices»?!—O Veiga não sabe, mas sabe-o o *homem* que deu por si. Sim, deu, por que este proprio nol-o disse. Como?

Tenham paciencia, não o digo.

Não quero por minhas palavras fazer elogio meu, nem tão pouco dar motivo porque me tirem da *minha ignorancia* elevando-me ao throno dos immortaes, e de lá fazer despinhar, em cabriolas de louco, o *sabio homem*, do Veiga, *litrado* sem *tio* «que o formasse e lhe deixasse *fortuna*». Mas teve mãe e teve pae. Eu tambem tive mãe e tive pae, e tive tio e querida tia que me formaram e deixaram alguns bens. Que grande defeito e crime meu o ter mãe e ter pae, um tio e uma querida tia, que me formaram e me deixaram fortuna!!...

Que pena o Veiga não ter um tio que o formasse e lhe deixasse fortuna!» «Quem poderia então com a vida d'elle!?» Ninguem. Um sabio assim ou iria dar com a sua virulenta pessoa na Academia Real das Sciencias ou em Rilhafoles ou na Penitenciaria. O genio tem relações com a loucura, e esta muitas tem com o crime. E se Veiga tivesse um tio que o formasse teria, diz o *homem* d'elle, uma vida que ninguem «poderia com ella.» Ora só teem vida com que os outros não *podem* na sociedade os criminosos. Lá entrava o Veiga na Penitenciaria se a Providencia lhe tivesse dado um tio que o formasse; mas não deu, e por isso d'ella o libertou. Não o libertou, porém, já da infamia de ser posto fóra pelo juiz do tribunal como testemunha indigna no dia do julgamento do Caetaninho, de Villar. Vê, Veiga, aquillo a que o expôe o seu homem?!

Semeia ventos e colhe tempestades! Nunca entregue as más causas a maus *advogados*—Entregue-as a pessoas que façam como eu lhe fiz no inventario por morte de D. Maria Carolina de Moraes Ferreira em 1899.

Defendi-lhe os seus direitos perante a lei e a justiça com papel sellado meu e não lhe levei, por isso cousa alguma. Não era meu correligionario, não lhe devia favores. Paga-me agora chamando-me *interesseiro*!

Em 1904 «na tarde do dia em que seu filho Caetano Luiz Veiga, foi á junta d'inspecção militar, e definitivamente ficou apurado, porque os seus correligionarios o não conseguiram isentar» apareceu o Veiga no meu escriptorio, completamente revoltado e afastados d'aquelles mesmos seus correligionarios, por não lhe terem isentado seu filho — A sua altitude, as suas palavras disseram-me que politicamente os havia abandonado. *Tratei-o bem*» e disse-lhe que «*realmente os seus amigos politicos* não lhe pagavam os serviços politicos que lhes havia prestado até áquella data com a isenção do serviço militar de seu filho» e que nem esta lhe haviam pago....

Disse-lhe mais que se não podia requerer nova inspecção, porque a lei o não permittia.

Já então era eu «um dos chefes» *do meu partido*, e o Veiga *um revoltado* e *afastado* do seu.

Vieram as eleições d'esse anno e eu, porque um dos *chefes do meu partido*, como impropriamente diz o Veiga havia dado collocação do filho d'este, fiz com que aquelle fosse ter com o mesmo Veiga para vêr se este inda se conservava um *revoltado e afastado do seu partido, e um «entalado» no meu.*

Resposta trazida e referida:

«Que não podia trabalhar comnosco, porque lhe tinham promettido empregar o filho»·

Voltava para trás, voltava para d'onde havia sahido.

Mas ha mais: Em 1907 era Veiga regedor de Vallega com o governo franquista, já então combatido